

OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

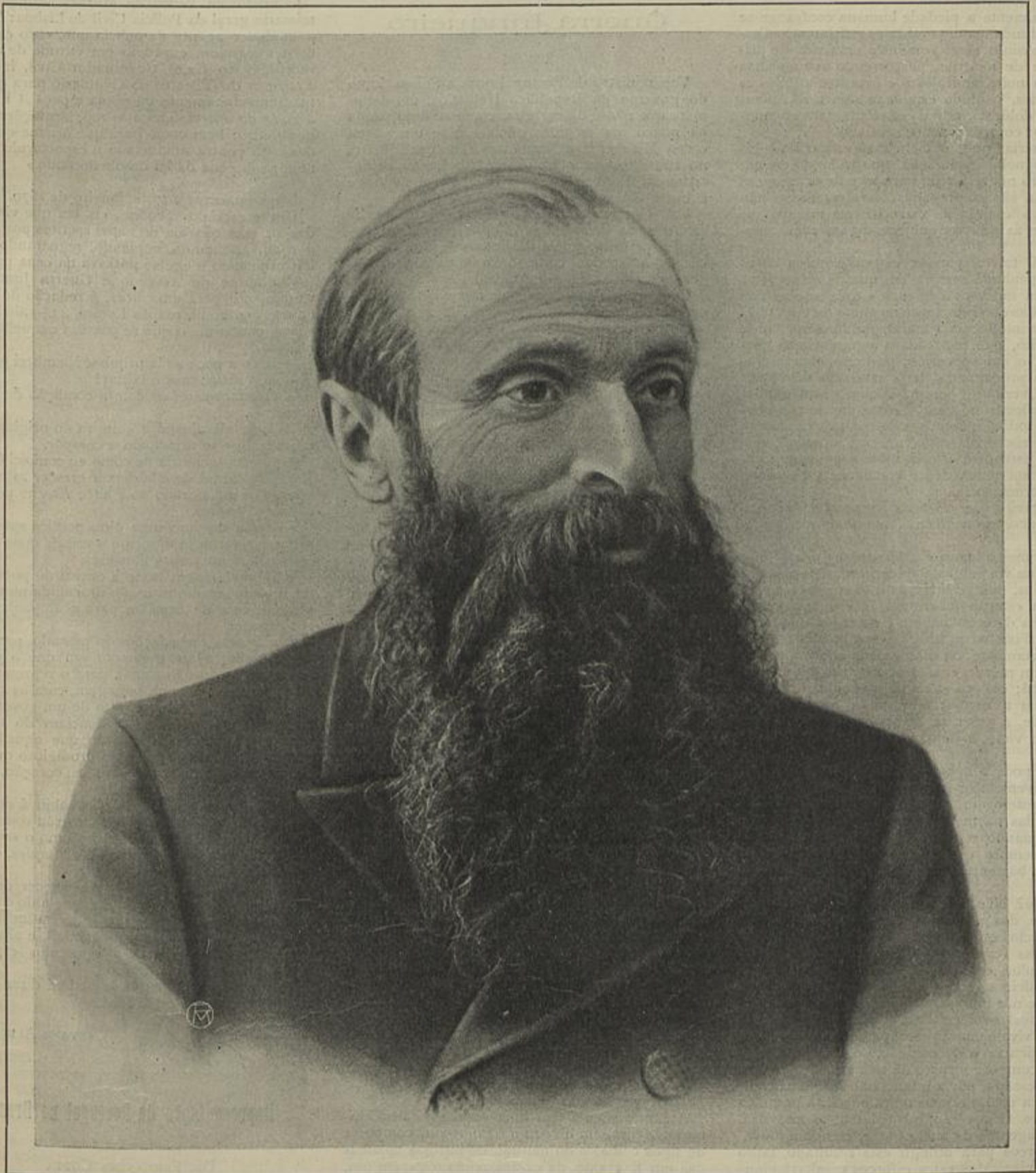
XXXIV Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

30 de Janeiro de 1911

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1155



GUERRA JUNQUEIRO

MINISTRO DE PORTUGAL JUNTO DA REPUBLICA HELVETICA

CHRONICA OCCIDENTAL

Dizia assombrado não sei que estrangeiro que um dia tentou fazer um inquerito sobre a caridade em Portugal, que não havia paiz no mundo onde a piedade fosse mais prompta, os corações mais accessíveis. E' esse effectivamente um dos traços característicos do bom, do soffredor povo portuguez. Quem não viu nunca as lagrimas facéis com que uma pobre mulher do povo, farta de soffrimento, chora qualquer desgraça alheia. . . Tinha razão o estrangeiro: são innumeradas e são esplendidas as obras de caridade espalhadas por todo esse paiz.

O problema da mendicidade infantil é dos que actualmente mais preoccupam todos os sociologos e philantropos. Arrancar a criança á vida de ociosidade e de perdição, a que o habito de explorar a caridade publica fatalmente a condemna, é hoje considerado um alto e humanitario dever, em cujo cumprimento ninguem pôde eximir-se a cooperar dedicadamente.

Naturalmente a piedade humana confrange-se mais profundamente perante os soffrimentos d'esses pequeninos seres votados a uma vida de privações e de miserias, percorrendo as ruas altas horas da noite, andrajosos e expostos a todas as intemperies, pedindo esmola n'uma toada plangente e dolorida, adrede ensaiada para commover até os corações menos sensíveis.

Qual seria, pois, o meio mais effizaz de cohibir tão ignobil exploração, que redundava em um verdadeiro martyrologio para as pobres creanças que n'ella são empregadas? Evidentemente não dar nunca esmola ás crianças que mendigam; nada dar ás pessoas que mendigam com crianças.

Poderá, talvez, parecer estranho que a chronica, empenhada sempre em que ás crianças se dispensem todos os cuidados e toda a solicitude de que ellas carecem, tanto no ponto de vista physico como intellectual e moral, perfilhe semelhante preconceito, que tem toda a apparencia de decaraveavel, e em opposição, portanto, com os fins d'aquella propaganda, feita com tão desvelado amor. A verdade, porém, é que, quem detidamente reflectir no caso, forçosamente reconhecerá que todos os impulsos de commiserção que levam a socorrer essas miserias crianças, que para nós estendem ás suas mãos supplicantes, redundam em inconsciente connivencia n'um verdadeiro crime social.

O emprego das crianças na mendicidade expõe-as, incontestavelmente, aos mais graves perigos.

Em primeiro logar, é evidente que o habito de vaguear na via publica lhes compromette a saude, expondo-as, mal vestidas, ás intemperies e aos rigores da estação invernososa. E' esta, para ellas, uma causa de estiolamento e de enfermidade.

Alem d'isto, a pratica da mendicidade, exercida abertamente, ou dissimulada sob a apparencia de um mister, é para as crianças degradante e immoral; colloca-as na impossibilidade de frequentarem a escola; entrega-as, fatalmente, á ociosidade, á preguiça, á vagabundagem, e, portanto, ao vicio, á depravação, e muitas vezes ao crime.

Quem poderá negar a sério a gravidade d'estes inconvenientes? Mas ainda ha mais.

Frequentemente succede serem as crianças empregadas na mendicidade espancadas brutalmente, quando regressam a casa com diminuta receita, sempre que pareça não se terem ellas mostrado bastante insistentes junto dos transeuntes.

E' tudo? Não, porque o martyrologio por assim dizer, dos pequenos mendigos é inexgotavel. Os supplicios que os barbaros paes lhes inflingem são muitas vezes atrozes. Poderia citar milhares de exemplos, colhidos ao acaso, tanto nas chronicas judicias, como nas obras consagradas á infancia e nas minhas recordações pessoas.

O terrivel problema da criminalidade juvenil, que tão vivamente preoccupa todos os homens de consciencia e de coração, só poderia ser resolvido com o concurso de todas as dedicações.

E' necessario, pôr a infancia ao abrigo da cupidez, que a vota, na mais tenra idade, á preguiça e ao vicio. O governo, o legislador, os magistrados, os agentes da auctoridade, envidam louvaveis esforços para attingir este resultado, tanto para desejar. Mas estes esforços resultarão inuteis se, por outro lado, nós contribuirmos para manter semelhantes abusos. Ficamos todos a incidir sobre os pequeninos a nossa enterneçada solicitude. Tragam as obras de protecção á infancia um concurso urgente; multipliquem as socie-

dades de patronato; acudam em auxilio dos paes desditosos; sejam bons, sejam generosos, dêem com largueza, dêem se assim o quizerem, por todas as formas e feitios, mas nunca dêem nada ás crianças que mendigam, nunca dêem ás pessoas que mendigam com crianças.

Os que empregam crianças na mendicidade cometem um acto perigoso, culpavel e criminoso. Não sejamos seus cúmplices!

Alimenta-se commovida a sensibilidade do publico, que, cedendo aos impulsos da compaixão, de nenhum modo pensa nas consequencias perniciosas para que assim contribue. Julgando fazer o bem, pratica o mal, inconscientemente. Que todos que nos lêem meditem n'isto: quando todos se resolvam a não dar esmolas a crianças, as crianças deixarão de ser mendigos. E isso será, incontestavelmente, um grande beneficio para ellas e para a sociedade — sobretudo para a sociedade de futuro.

JOÃO PRUDENCIO.



Guerra Junqueiro

Vae ministro de Portugal para a Suissa, junto do governo da Republica Helvetica, um diplomata que não é da carreira, como se diria, ainda ha pouco, nas regiões officias. Vae um poeta, como Mendes Leal, em Paris, Thomaz Ribeiro, no Brasil, Antonio Feijó, em Stockolmo, representaram Portugal, sem ir buscal-os mais longe á historia patria.

Vae Guerra Junqueiro, o poeta da *Morte de D. João*, da *Velhice do Padre Eterno*, dos *Simples*, o primeiro poeta da Peninsula Iberica, talvez o da Europa, como o classifica Emilio Daguerra, no *Heraldo*, de Madrid.

Conheço-o muito bem e quem me dera no tempo em que elle, pelo braço de Guilherme de Azevedo, entrava pela primeira vez, na redacção do OCCIDENTE, que eu fundára (1878) com todo o entusiasmo dos 35 annos e que o publico acolhia com o alvoroço das novidades, cuja principal era as cronicas de Guilherme de Azevedo, o poeta da *Alma Nova*, o autor das *Cartas de um Birman* no *Diario da Manhan*, esfusiando de *verve* originalissima, de critica superior e delicada, e que lá fóra, algumas eram tradusidas, como na *Epoca*, de Madrid.

Guerra Junqueiro vinha, não de Freixo de Espada á Cinta, onde nascera, mas representar em côrtes o circulo de Macedo de Cavaleiros que o elegera deputado, depois de elle ter escrito o seu poema *A Morte de D. João*, esse primeiro golpe da satira, que fez estremecer as consciencias e gemer os prelos da critica, não fóra o autor um sarcastico, como os seus traços fisionomicos a desenhavam, naquelle olhar vivo e penetrante, no largueza da maxilla inferior sob um nariz adunco, acentuando-lhe um permanente sorriso irónico que o bigodinho mal apontado, apesar dos 28 annos, não podia encobrir.

Guerra Junqueiro, em Lisboa, tornou-se inseparavel de Guilherme de Azevedo; os dois comprehendiam se, o que era um achado, pois nada é mais grato á alma do que encontrar outra que a compreenda. Os effeitos deste achado esfusiavam na *Gazeta do Dia* e *Diario da Manhan*; Lisboa tremia, espicaçada de alfinetes nos mais despercebidos ridiculos de uma sociedade postica, os politicos eram delicadamente descarnados e só encontravam desforço taxando de paradoxo o sarcasmo mordente que os feria.

O campo de exploração era vasto. Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro percorriam juntos o coração da cidade, quando o sol principiava a descer e Lisboa a sair para a rua, na sua interminavel intriga de todos os dias. Elles, munidos de lapis e quartos de papel, tomavam apontamentos, aproveitavam inspirações, ideias de momento, entravam no *Suisso*, no *Martinho*, na primeira porta de escada que se lhes deparava, e não poucas vezes vinham descair na redacção do OCCIDENTE, a escrevinharem nos taes quartos de papel.

— Mas de que se trata? perguntava eu.

— Depois, depois, o saberá.

Até que soube. Era uma revista para o Gimnasio. *A Viagem á roda da Parvonia*, composta de tipos colhidos do natural, de intrigas apanhadas em flagrante, da caranguejola toda, em fim, da politica da terra, passada atravez do espirito sarcastico dos dois.

Quando os cartazes annunciaram a primeira recita da *Viagem á roda da Parvonia*, relatorio em 4 actos e 6 quadros pelo comendador Gil

Vaz, uma, como que corrente electrica, despertou Lisboa para a curiosidade, sempre pronta, de saber quem seria o estranho comendador, e nessa noite encheu a sala de espectáculo, com dobradiças, galerias e até corredores, na maior impaciencia de vêr a peça e chamar o autor.

Viu o primeiro acto desconfiada, olhando-se os espectadores a cada frase estranha que se soltava do palco. Mas isto nunca se disse cá, como no *Barba Azul*. Uns puchavam o pigarro, outros engoliam em sêco, mas no decorrer da peça a tempestade principiou a rugir, a trovoadá aproximou-se e por fim rebentou medonha; as cadeiras voaram pela sala em estilhaços, depois dos espectadores perderem as solas das botas no entusiasmo da pateada. A autoridade não deixou acabar o espectáculo, era demais, a satira atingi-a tambem.

O conselheiro Arrobas, com todo o peso da sua rotundidade e do seu nome, cahia sobre a *Viagem á roda da Parvonia* e esmagava-a com a seguinte intimação á empresa do Gimnasio:

«Christovam Pedro de Moraes Sarmiento, commissario geral da Policia Civil de Lisboa: Mando a qualquer agente de policia que, visto este por mim assignado, expedido em virtude de ordens recebidas do Ex.^{mo} Governador Civil, intime a Empresa do Theatro do Gymnasio para que retire immediatamente da scena a peça *A Viagem á roda da Parvonia*, cujas representações ficam prohibidas; bem como para que ordene que seja desde já contra-annunciado o espectáculo d'esta noite; sob pena da lei desobedecendo.»

Isto se passava a 17 de janeiro de 1879.

Um escandalo inaudito, eis em que vieram a dar os taes quartos de papel escritos por aqui e por ali, apontando, copiando, registrando e por fim criticando o que se passava na cena publica.

Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, vieram, ahi pela uma hora, á redacção do OCCIDENTE — então na rua do Loreto, 43, — ainda nervosos, contar-me o que se passára naquella noite fatidica.

— E se a peça se imprimisse? lembrei eu.

— Boa ideia; mas o editor?

— O editor serei eu com a condição de se imprimir já.

E logo ali ajustei a compra do original e no dia seguinte se principiou a compôr.

Aqui está memoria de como eu conheci Guerra Junqueiro antes de elle deixar crescer as barbas, não sei se enamorado do *Padre Eterno* para lhe cantar a *Velhice*.

E' mais do que uma obra poetica esse livro, sobre o qual se pronunciou a critica mais descontrada, é uma obra filosofica.

Não venho aqui fazer a critica do poeta nem do filosofo; seria pretensão descabida numas rapidas linhas de ocasião, para acompanharem o seu retrato.

São apenas recordações do passado, para mim e para elle, neste momento em que o grande poeta vae deixar Portugal, para o representar lá fóra, levando na sua bagagem, com as credenciaes que o acreditam junto de um governo estrangeiro, essas outras credenciaes do talento, porventura, mais valiosas do que aquellas, da grande obra, de um cerebro prodigioso que verberou tantos erros, e que, em seu coração, sofreu com as desditas da patria.

Ha vinte annos, como elle sahio á estacada nessa crise nacional, que lhe inspirou o seu *Fim da Patria* e a *Canção do Odio*. Como o seu amor se afirma nesse genial poema *Os Simples*, e como por fim nos dá a *Oração á Luz*.

Como Portugal se deve desvanecer de filhos assim, que estendem seu nome por todo o mundo culto, onde seus livros tem sido traduzidos, em francês, inglês, italiano e espanhol, e altamente apreciados em revistas e opusculos especiaes nesses países e na Alemanha.

De quantos diplomatas se poderá dizer o mesmo, em Portugal, ou lá fóra?

CAETANO ALBERTO.



Representação de Portugal no Brasil

DR. FERNANDES COSTA

No vapor *Aragon*, com destino ao Rio de Janeiro, partiu do Tejo no dia 24 do corrente o sr. dr. Antonio Luis Gomes, ministro de Portugal junto da Republica dos Estados Unidos do

Brasil, a que o OCCIDENTE se referiu no n.º 1150 publicando também o retrato daquelle diplomata, de cuja alta missão na florescente Republica irman muito ha a esperar, tanto para a maior aproximação dos dois países, como ainda para congrassar certas divergencias que se dão entre a nossa importante colonia portuguesa.

No mesmo vapor partiu também o sr. dr. Francisco José Fernandes Costa, que vae desempenhar o cargo de consul geral de Portugal no Rio de Janeiro, para que foi nomeado pelo governo provisório da Republica.

O sr. dr. Fernandes Costa era professor do liceu de Coimbra e pelo advento da Republica deixou aquelle logar por ser nomeado ajudante do procurador geral da Republica. Estava, além d'isso, indigitado para ministro num futuro governo, tendo-se dito que elle seria também o director do novo jornal *A Republica*, fundado pelo sr. dr. Antonio José d'Almeida.

A instancias, porém, do governo, o sr. dr. Fernandes Costa aceitou o novo cargo para que aquelle entendeu nomeal-o, e que julgamos não poder ser melhor escolhido.

Os dotes de intelligencia e actividade do sr. dr. Fernandes Costa são garantia para o bom desempenho da alta missão em que foi investido.

Muitos de seus amigos e patricios resolveram ir ao embarque prestar-lhe o testemunho de sua simpatia, oferecendo-lhes uma rica salva de prata com a seguinte legenda:

Ao ex.º sr. Francisco José Fernandes Costa, lembrança de seus patricios e amigos da Foz de Arouce, residentes em Lisboa, comemorando a sua partida como consul geral da Republica Portuguesa nos Estados Unidos do Brasil.

Esta oferta foi acompanhada por uma mensagem redigida pelo sr. Adelino Pedroso.

Os iniciadores desta honrosa manifestação ao sr. dr. Fernandes Costa, foram os srs. Achilles A. Teixeira, Manuel Francisco Ramos, Adelino Lopes Pedroso, Joaquim Correia, A. Henriques de Carvalho, Antonio Carvalho Poiars e João Gomes.



O Asilo dos velhos

O decreto de 8 de outubro, do governo provisório, que expulsou de Portugal todas as congregações e comunidades religiosas, estendeu os seus efeitos até ás Irmansinhas dos Pobres, que desde 1884 se estabeleceram no país com um asilo para velhos pobres, á semelhança dos que aquella instituição, nascida em França, tem estendido por toda a parte.

As Irmansinhas dos Pobres, instalando-se primeiro no antigo hospício de S. Patricio que pertencia ao celebre padre Beirão, ali principiaram a sua propagação em beneficio dos pobres velhos, albergando alguns desses infelizes, tantos quantos lhes permitia as esmolas que iam colhendo para os sustentar.

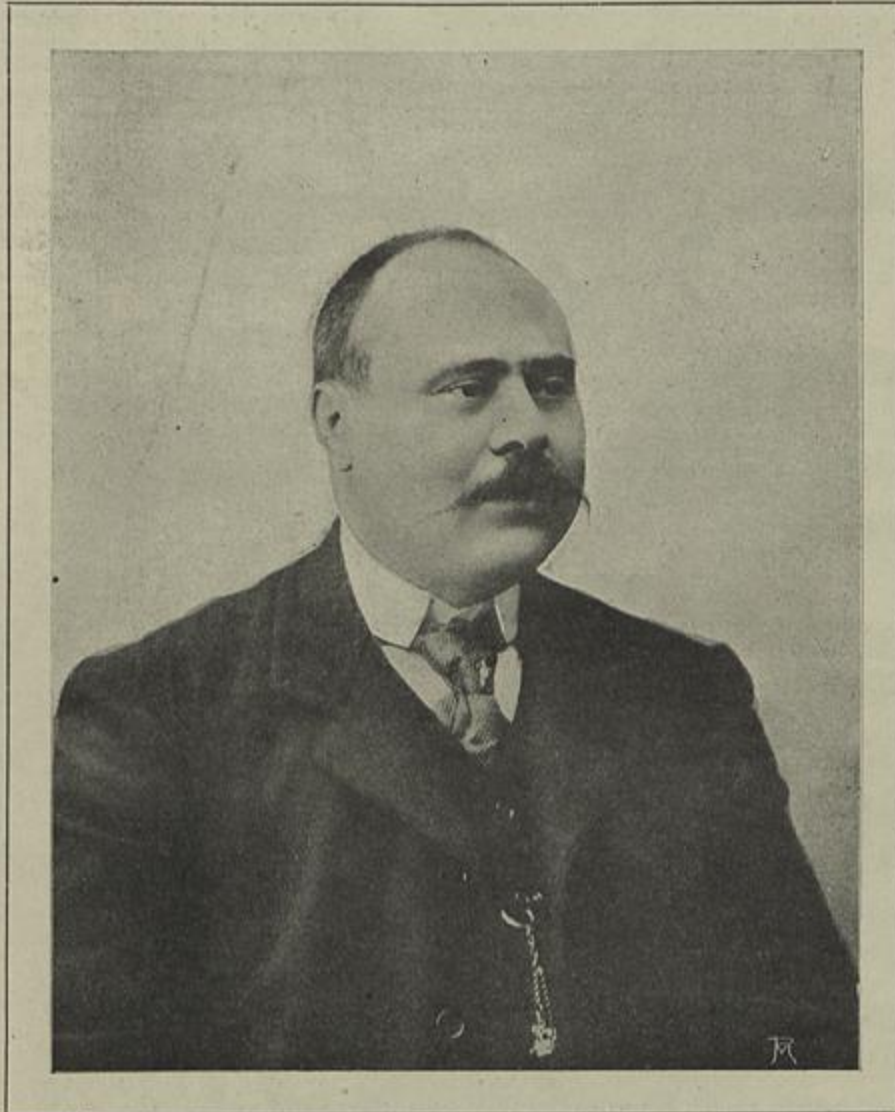
As Irmansinhas dos Pobres tornaram-se simpáticas ao publico de Lisboa, que não lhe regateava o obolo para os seus velhinhos e, em poucos annos, era já pequeno o hospício para os albergar.

Adquiriram então um grande terreno em Campolide de Baixo e com o auxilio de pessoas caritativas e abastadas poderam dar principio á construção de um vasto edificio para asilo dos seus

velhinhos, cuja primeira parte construída foi inaugurada por 1891 (1), e para ali mudaram os pobres, abandonando o primeiro hospício, onde já não cabiam.

A construção continuou e o numero de asilados foi aumentando, encontrando se ultimamente ali cerca de uns trezentos.

A parte construída, que abrange hoje dois terços do projeto, tem capacidade para mais asilados, com todas as condições higienicas, principal ideia que presidiu á sua construção, isenta de



DR. FERNANDES COSTA

NOVO CONSUL GERAL DE PORTUGAL NO RIO JANEIRO

luxo ou decorações dispendiosas e antes de uma simplicidade rigorosa.

Não obstante o decreto a que acima nos referimos, era intenção do governo deixar as Irmansinhas dos Pobres com o seu asilo, se ellas se secularissem deixando os habitos de comunidade religiosa. Ellas, porém, persistiram em não os abandonar, preferindo sahir do país.

O governo tomou então conta do Asilo dos Velhos, estabelecendo-lhe o pessoal necessario para tratar dos asilados, sob a direcção do sr. Francisco de Paula Nogueira Chumbinho e do medico sr. dr. Amor de Mello.

Continua, portanto, o Asilo dos velhos a albergar estes infelizes, que no ultimo quartel da vida têm de pedir á beneficencia publica que os ampare.

Crêmos bem que a inexgotavel caridade dos portugueses não deixará de auxiliar esta simpática instituição, e que Lisboa assim como dava ás Irmansinhas dos Pobres para os seus velhinhos, continuará a socorrer-os porque a caridade não conhece politica e muito menos paixões que não sejam as de espalhar os seus beneficios e, nestes casos, mais simpática não póde ser que a de acudir á velhice desamparada.

As esmolas para este asilo tanto podem ser em dinheiro como em viveres, fato usado, roupas, etc. que tudo as irmansinhas aceitavam para os seus pobres e a nova direcção não recusará receber.

(1) Vidé OCCIDENTE, vol. XIV de 1891, pag. 246, n.º 463. Publica larga noticia e estampas deste asilo.

O Instituto Internacional de Agricultura

E' este o titulo de uma conferencia realisada na Sociedade de Ciencias Agronomicas de Portugal, em 30 de abril de 1910, pelo sr. D. Luis de Castro, agronomo e lente catedratico do Instituto de Agronomia e Veterinaria, agora publicada.

O interesse que esta conferencia tem para o nosso país, levou-nos a pedir ao seu autor, e muito distinto colaborador desta revista, venia para aqui a extratarmos, em grande parte, certos que prestamos um bom serviço aos nossos agricultores, que muito tem a lucrar com o seu conhecimento.

Eis a conferencia:

«Logicamente, pela sequencia fatal dos successos que formam a historia da humanidade, era na Italia que o Instituto Internacional de Agricultura havia de nascer e criar-se.

A ideia que fez a grandeza de Roma, a ideia, que depois mesmo de desfeita a unidade do Imperio, ficou em toda a parte onde o poder de Roma imprimiu a sua garra, foi a da agricultura.

Pois se ella era a estrella guiadora da sua religião, da sua politica, da sua sciencia. A familia, essa maravilhosa familia romana que encheu o mundo, foi sempre e sobretudo uma associação de agricultores.

A cooperação economica agricola está nos seus primeiros actos politicos, imposta pelo raciocinio ou pela forma; os ritos agrarios abundam na sua religião; a cultura dos animaes e das plantas, o emprego de instrumentos e utensilios nas lides campestres, foram por ella inventados e melhorados alguns, propagados todos, por meio de leis, de normas religiosas, de doutrinas.

Os guardas do rito campestre de Romulus, até ao fim do imperio, fundaram uma crença, uma theoria e uma politica da agricultura tendo o valor d'uma sciencia d'Estado.

Não se era cidadão de Roma sem o candidato provar que sabia e podia cultivar a terra.

E se pedirmos á Poesia, que é a alma dos povos, que nos prove se era bem do fundo da sua consciencia e do seu animo, que vinha esse amor para a agricultura, ella responde-nos apontando para Virgilio, Lucrecio e Horacio, que irmanaram, senão sobrepujaram, nos seus cantos, a preocupação guerreira do tempo com a serena labuta dos campos.

Nem d'outra forma se comprehendia que um povo, que batalhava por toda a parte trouxesse, como thesouro superior a todos os do saque das ruinas de Carthago, um tratado de agricultura do carthaginez Magon e o mandasse tradusir e copiar por ordem do Senado e por conta do thesouro publico.

Tinha bem na alma o amor á agricultura pois que no fragor dos combates se lembrava da pacifica lide dos campos como se fosse da mulher amada que deixára porventura em Roma.

Mas a grande força, o grande poder d'expansão das hostes romanas estava em que os seus legionarios eram constructores e agricultores adaptando-se aos meios, como adaptavam seus conhecimentos agricolas ás culturas proprias de cada solo e de cada clima. E assim como agromonicamente faziam obra efficaz de adaptação, politicamente seguiam a mesma norma, guiados n'uma e n'outra pelos decretos do Senado, os editos dos Cesares e pelos actos d'uma politica ajuizada e sabia.

Quando o Imperio baqueou, deixava já os povos conhecedores das culturas, das artes e das industrias agricolas que os seus soldados gra-



A MANIFESTAÇÃO, EM LISBOA, CONTRA AS «GRÉVES»

(Cliché da «Mala da Europa»)

No domingo 15 do corrente reuniu-se, na Rotunda da Avenida da Liberdade, grande numero de socios da associação secreta «A Carbonaria» e batalhões de voluntarios, vindo todos à Praça do Comercio manifestar ao Governo todo o seu apoio, e protestar contra a inoportunidade das «gréves», neste momento. E igual manifestação fizeram à Camara Municipal.

O Asilo dos Velhos



A DESPEDIDA DAS IRMANSINHAS DOS POBRES—A SUPERIORA DESPEDINDO-SE DOS POBRESINHOS E DE ALGUMAS BEMFEITORAS DO ASILO



ENTREGA DO ASILO AO SR. GERMANO MARTINS, DIRETOR GERAL DO MINISTERIO DA JUSTIÇA — O NOVO PESSOAL PARA TRATAR DOS ASILADOS

dualmente tinham adaptado ás exigencias do clima, ás aptidões e ás necessidades dos homens.

Com essas tradições o sentimento vivo da *terra mater*, poderia dormitar, estar latente durante longo tempo, mas havia de irromper logo que o animo da raça, a tendencia natural do povo podesse manifestar-se mais ou menos livremente. E assim foi.

Ao feudalismo segue-se a communa. Sua obra educadora é a continuação da do Imperio. O seu codigo de nobreza é o merito industrial e o trabalho agricola.

Brilhantemente desenvolveu essa these historica no discurso proferido na sessão inaugural da conferencia preliminar para constituição do Instituto o então ministro sr. Rava.

E como não cabe nos limites de uma conferencia, que eu não posso levar alem de uma hora, fazer miudamente a demonstração a que me propuz, acompanhando o sentimento agrario da Italia atravez da sua historia em todos os seus tramites, basta-me apontar em outro estadio, na Renascença, a obra d'esse magnifico homem de almas multiplas, como alguém tão felizmente disse, a obra de Leonardo de Vinci a um tempo escultor, architecto, physico, engenheiro, musico, escriptor e agronomo, que em si encarna em synthese soberba todas as aspirações da sua raça no momento em que viveu.

Ora esse momento foi prodigioso na Italia; a renovação litteraria, artistica e scientifica foi d'alli que partiu; homens colossaes poderiam só impulsional-a e mesmo assim, se encontrassem no animo de seus conterraneos e contemporaneos essa força de comunidade de parecer, de tendencia, de gosto que forma a irresistivel corrente da opinião



FRANCISCO DE PAULA NOGUEIRA CHUMBINHO
DIRETOR DO ASILO
(Clichés Alberto Lima)

publica. Pois bem, o representante mais completo d'esse meio e d'essa época, foi sem duvida o *divino Leonardo*, no talento numeroso do qual avultava a preocupação agricola das irrigações e dos trabalhos hydraulicos.

Atravez as mais nobres e mais altas especulações artisticas e litterarias a que se póde entregar o espirito humano, a Italia pensava na agricultura e no seu levantamento!

A politica aventureira que absorve seculos de actividade italiana, não era de molde a facilitar a realisação cabal de taes anhelos que fragmentariamente, sobretudo no norte da peninsula, pouco a pouco e com lentidão tomavam entretanto corpo, até que em 1870, proclamada a unidade do reino d'Italia, resurgiu cheia de vigor e de entusiasmo a paixão pela agricultura, sempre latente, acrisolanda-se sem cessar, no animo das populações desde que nos confins da sua historia se encontra a civilisação etrusca tratando já da resolução de problemas de hydraulica rural e da sciencia de medir o solo.

O *risorgimento* politico veio da Lombardia, do Piemonte, da Liguria; o *risorgimento* economico tambem a essas provincias é devido. Lento nos primeiros tempos, o movimento fecundo vem a fortalecer-se e a accelerar-se successivamente n'estes quarenta annos que tem de idade, estendendo o poderoso impulso a todo o reino. Porque a lenda do *lazzarone* está a caminho de perder-se e as provincias do sul italiano começam de entrar, e algumas já vão longe do inicio, no renovamento da sua vida economica e social.

Quem ignora hoje o exito e a extensão da obra dos bancos e das caixas ruraes

do Piemonte e da Lombardia? Quem desconhece o successo alcançado pelas cathedras ambulantes de agricultura, mormente na região de Parma onde o *santo della cooperazione*, como lhe chama o povo, o prof. agronomo Bizzozero, tem realzado maravilhas, transformando a economia agricola de uma provincia? Onde mais do que na Alta-Italia o movimento syndicalista agricola está mais desenvolvido entre operarios e patrões? Qual o paiz latino em que o povo mostre mais senso commum do do que n'esse, reprovando o socialismo revolucionario, adoptando o socialismo reformista, acceitando a monarchia liberal e democratica que dispensa e torna vãs as ideias republicanas, tratando das realidades da vida e não de cartazes, bandeiras e phrases? E, tocando este ponto, estou absolutamente a dentro da minha esphera de acção agricola, porque é na Italia onde o socialismo mais fundo penetrou nas classes do operariado rural, é ahi que o movimento associativo, mormente para o credito, mais longe tem ido nos campos.

O juro usurario de 4 a 12% ao mez, esmagando o misero trabalhador, impôz ao governo intervir a seu favôr e algumas das maiores caixas economicas e dos mais importantes bancos populares offereceram emprestimos faceis aos lavradores que dessem certas garantias. O credito não chegava d'essa fórma ao pequeno agricultor. Era preciso qualquer organização mais popular, adaptando-se a condições humildes. D'esta necessidade surgiram as *caixas ruraes*. Em 1883, n'uma aldeola lombarda, o dr. Wollemborg, copiando e modificando Raiffeisen, instituiu a primeira. Dez annos depois existiam mais de sessenta e, graças a uma propaganda vigorosa do Congresso Catholico, diffundiram-se com maravilhosa rapidez.

São hoje para cima de mil, catholicas e neutras, com 10 mil membros talvez, e emprestando em cada anno perto de 4.000 contos de réis.

E o espirito associativo rural que vimos na velha Roma, e que ha de levar Victor Manuel III a tentar uma associação agraria das nações do mundo, manifesta-se ainda com imponencia nos 50.000 socios das varias aggremações dos campos da Italia, que põem ao seu dispôr sementes, adubos, machinas, quanto possivel, pelo preço do custo.

Os syndicatos fornecem por anno aos seus associados 5.000 contos de réis de mercadorias. Além d'isso exercem acção em muitos outros pontos de suas attribuições.

Estes syndicatos já attingem o 2.º grau de associação. A Federação tem tres estabelecimentos para a manufactura dos adubos chimicos.

O resultado é de tal ordem que um homem eminente como Maggiorino Ferraris propôz ha poucos annos o estabelecimento pelo Estado de *União* semelhantes, obrigatorias, em cada provincia. Seu intento era — e notem os meus ouvintes como nos vamos approximando, pela grandiosidade da concepção no campo associativo, da criação do Instituto Internacional de Agricultura — seu intento era a organização de uma gigantesca cooperativa nacional que abrangesse todos os agricultores e provesse á maior parte das suas necessidades: fornecimento de sementes, adubos, machinas e gados; propaganda de instrucção, de aperfeiçoamento, de innovações, em perfeito entendimento com as cathedras ambulantes; fabrico cooperativo de vinho, manteiga, queijo, azeite; constituição de um forte banco para emprestimos agricolas a 4%, do qual seriam agencias as estações postaes, fazendo parte do fundo d'essa instituição os 10.000 contos de réis annuaes que recebe a Caixa Economica Postal. Com igual somma dispensada pelos Bancos populares e Caixas economicas, 20.000 contos seriam postos á disposição da lavoura.

A produção cooperativa projectada para esta organização, tem de resto parcelarmente um grande desenvolvimento em Italia, que enceta por esse meio uma revolução na sua economia agricola, como as que tiveram logar na Dinamarca e na Irlanda, pois que pelas *leitarias sociaes* já produz e exporta, como encomenda postal para o estrangeiro, manteiga e mesmo queijo.

Esta orientação do progresso agricola, que não devo n'este ensejo aprofundar mais a despeito do interesse que merece, demonstra — e só para isso a trouxe para aqui — como o meio formado pela tradição, evolucionando sempre dentro do progresso, predisponha naturalmente o homem, que é a incarnação da patria italiana, a acceitar e a adoptar com enthusiasmo a ideia que da America lhe trouxe o sr. David Lubin e é o fundamento do Instituto Internacional de Agricultura.

Tal empreendimento na aurora do seculo xx, é como que a orchestração final da admiravel

symphonia da associação rural no seculo xix, em que todos os instrumentos que até então em grupos ou isolados contribuíam para a harmonia, se unem e n'um *crescendo*, n'um forte conjuncto chegam ao auge de força do som na mais perfeita synthese de tudo quanto até então vinham expressando.

Porque muito se engana quem medir o alcance do plano d'essa instituição pelo que encontra escripto na convenção de 7 de junho de 1905, assignada por 41 estados. Myope espiritual será quem não lance a vista além das alineas do art. 9.º e não abranja a grandeza da obra no seu conjuncto, no espirito que a originou. O que está escripto já é muitissimo. O intento que se adivinha é muito mais vasto ainda.

O conde Tornielli — embaixador italiano — falando perante o presidente da republica franceza em nome do corpo diplomatico na recepção official do Elyseu, em janeiro de 1808, diz: «Problemas que a propria sciencia não tinha ainda ousado abordar encontram inesperadas soluções. Sobre a base de verdades, já adquirida para o patrimonio commum da civilização, a conciliação de interesses até então considerados como os mais divergentes, poudo ser o objecto de esforços que não ficaram estereis.» E mais adiante exclamava: «O principio de justiça internacional superior applicando sua propria lei não foi apenas proclamado, mas entrou na pratica das nações.»

O fallecido representante da Italia em França, referia-se — supponho eu — á conferencia de Haya, mas em termos eguaes podia reportar-se ao Instituto Internacional de Agricultura. O alcance moral d'uma e outra obra é igual.

«A sociedade das nações está criada. Está bem viva» dizia um dia o sr. Léon Bourgeois, o eminente homem d'Estado francez, o auctor d'esses livros evangelhos «La solidarité», «L'idée de solidarité et ses conséquences sociales», na Escola das Sciencias Politicas de Paris, alludindo á Conferencia da Paz, onde tem occupado logar primordial. Pois a proposito do Instituto Internacional de Agricultura, pôde avançar-se a mesma consoladora e grandiosa affirmativa.

No preambulo da convenção para o regulamento pacifico dos conflictos internacionaes de 18 de outubro de 1907, os 44 Estados signatarios reconhecem «a solidariedade que une os membros da sociedade das nações civilizadas.»

Se quizermos applicar esta formula, pela primeira vez adoptada entre nações, ao Instituto de Roma, apenas temos a additar-lhe depois da palavra «sociedade» o termo «economica» ou mesmo, restringindo mais, substituir «economica» por «agricola». Mas a ideia e o plano são eguaes, igualmente grandiosos e bem proprios do seculo em que estamos entrados.

«O fim da civilização é pôr cada vez mais acima da lucta para a vida entre os homens, o acôrdo entre elles para a lucta contra as crueis servidões da materia.»

Será esta aspiração uma chimera? Mas quantas ideias assim alcunhadas de começo teem chegado depois a factos realizados!

As esperanças fundadas sobre as convenções da Haya vão executando-se. Ahi estão os tratados de arbitragem a demonstral-o, ahi estão as soluções pacificas dos conflictos gravissimos de Hull e de Casa Branca.

O mesmo succederá com os propositos do Instituto.

«Creio profundamente no poder da força moral; creio que, dando a uma ideia uma formula clara, de natureza a chamar a attenção e a prendel-a, já se fez alguma coisa de util.»

Mais do que isso, porém, vae já realizar este anno o Instituto, pois que principia a transformar essa ideia moral, n'um facto positivo: o do serviço de estatistica e de informação organizado em 50 nações e centralizado em Roma para collocar os productores ao abrigo da especulação universal bolsista ou outra, pondo rapidamente ao seu alcance todos os elementos da formação do preço.

Sobre esses serviços de tão elevado alcance economico-social, o primeiro numero do *Boletim*, ainda hontem chegado ás minhas mãos, explica-se d'esta forma:

«Segundo o art. 9.º §§ a) e b) da convenção para o Instituto Internacional de Agricultura, assignado em Roma a 7 de junho de 1905, um dos fins principaes do Instituto consiste em agrupar, coordenar e unificar todas as informações officiaes d'estatistica referentes aos productos agricolas e promover o levantamento d'essas informações nos paizes que actualmente não teem serviço estatistico regular podendo servir para esta obra; de modo que o Instituto possa elaborar informa-

ções e calcular numeros totaes relativos ás superficies, ás condições e á produção dos generos agricolas, para os propagar no mundo inteiro entre os interessados. Por meio do seu serviço d'estatistica o Instituto propõe-se apresentar estatisticas agricolas fornecidas pelos serviços d'estatistica officiaes dos diferentes paizes, e publicar d'essa maneira informações sobre as *novidades* (récoltes sur champ), mais completas e mais dignas de credito que aquellas postas agora á disposição do publico mundial. *O Instituto espera assegurar assim uma correspondencia maior entre os preços dos productos agricolas e as condições reaes da offerta.»*

Foi na assembléa geral de dezembro ultimo, que se resolveu encetar *in continenti* este serviço, depois do acurado estudo que fizera do assumpto durante todo o anno de 1909 o *comité* permanente, tendo ás suas ordens a divisão d'estatistica agricola a que preside o sr. C. C. Clark, o conhecido especialista americano, que o Instituto teve a fortuna de poder contractar para seu serviço.

Da fórma como essa resolução foi acolhida, da importancia que lhe deram os Estados, dizem bem claro as seguintes notas que se encontram a fechar o primeiro fasciculo do *Boletim do Instituto Internacional de Agricultura*: «O sr. delegado da Allemanha no Instituto Internacional de Agricultura fez saber que na Allemanha se estão realizando inqueritos para conhecer em que limites seria possivel pôr o serviço official da Estatistica Agricola no Imperio e nos Estados confederados em condições de corresponder ás deliberações tomadas pela assembleia geral do Instituto. O Ministerio Real da Agricultura na Prussia convocou peritos para estudar a questão n'uma conferencia especial; o Conselho de Agricultura da Prussia e o Conselho dos Agricultores allemaes deram para ordem do dia de suas proximas assembléas geraes a mesma questão.»

Da Gran-Bretanha: «o secretario do *Board of Agriculture and Fisheries* faz saber que o *Board* se propõe considerar n'um praso curto, as decisões da assembléa geral do Instituto, na sua recente sessão, com respeito á remessa das informações concernentes á produção agricola de 1910-1911 com a intenção de tomar, nos limites do possivel, disposições susceptiveis de permittir ao *Board* d'ora em diante fornecer ao Instituto as informações desejadas.»

A Allemanha e Inglaterra, nações que nós citámos a cada passo como *praticas*, insusceptiveis de se deixarem *embalar* por ideias sem resultados uteis, consideram d'essa fórma uma das missões do Instituto e quinze dias depois de tomada a resolução em Roma as suas repartições especiaes são encarregadas pelos governos de trabalharem no sentido indicado pelo Instituto. Não ha melhor resposta aos criticos scepticos, de peito feito para o desdem.

E' cedo para julgar a obra do Instituto. Principia agora. Não haja para elle nem incredualidades, nem impaciencias. Para assegurar o exito de um empreendimento é preciso crer n'elle e insistir sempre.

No campo das realizações inicia-se seu trabalho pela empreza de maior tomo das que se contem no programma: *assegurar um equilibrio mais certo e justo entre os preços de produção e as condições reaes da offerta*, o que, traduzido em vulgar, quer dizer: *collocar os productos ao abrigo da especulação mundial bolsista ou outras.*

E' pela estatistica uniforme, certa e viva, vinda de mãos desinteressadas em questões de dinheiro, publicada a tempo e espalhada profusamente, que esse resultado se ha de obter.

Sem estatistica os povos ignoram-se, assim como a humanidade; o conselho philosopho de Socrates *conhece-te primeiro*, applica-se ás nações como ao individuo; impõe-se mais do que nunca, n'estes tempos de rija e ardua lucta pela vida, cuja marcha a sciencia accelera vertiginosamente cada dia.

E' pela estatistica que as nações e os individuos pôdem marcar no mundo as suas respectivas posições economicas de produção e defendel-as. E como o telegrapho tem reduzido as distancias da Terra e sobretudo, quasi exclusivamente, serve o especulador e a bolsa, as estatisticas traiçoeiras e tendenciosas forjadas em agencias particulares inuendam o mercado falseando-o. A estatistica official, lenta e vagarosa, chega sempre tardonha á mão do lavrador, e quando a attinge as colheitas estão sacrificadas á ignorancia.

O Instituto propõe-se egualar as condições da produção com aquellas em que manobra a especulação: previsões, estatisticas e preços, mas certos, exactos, rapidamente postos á disposição da agricultura universal.

Victima, como agricultor na California, do estado actual das coisas n'este campo de acção; tendo por duas vezes estado perto da ruina provocada por manejos de bolsa; vendo que era como que o representante da agricultura mundial sacrificada a falsos interesses pois que se não eram os da producção tambem não eram os do consumo; o sr. David Lubin, cidadão dos Estados Unidos da America do Norte, criou todo um systema de defeza e ataque tendentes a fazer ascender a agricultura ao primeiro logar no campo internacional regulador e fixador de preços dos productos agricolas, que hoje em dia está occupado pelo commercio e pela finança exclusivamente. Dedicou-se por completo ao estudo do seu plano, apaixonou-se por seus projectos que lhe absorveram por completo a vida. O sr. Lubin deixou de ser um homem para ser uma ideia ambulatória. Depois de dez annos de propaganda na America, atravessou os mares, deixou as suas propriedades com sacrificios de muita ordem, instalou-se na Europa e de terra em terra, como um verdadeiro apostolo, levou a doutrina que o dominava, aos chefes d'Estado, aos ministros, aos legisladores, aos publicistas, aos lavradores, n'uma obra de catechese economica interessantissima, mesmo sob o ponto de vista de psychologia da Historia, se assim posso dizer, pois se apresenta, guardadas as devidas distancias de meio e de educação, com caracteristicos eguaes aos de um apostolo religioso de outras eras. Até mesmo o seu aspecto physico, a não ser a pequena estatura, o assemelha a algum dos que cearam com Jesus Christo ou dos que prophetisaram anteriormente. Cara glabra, muito trigueiro, longa cabelleira, feições fortemente accentuadas, olhos vivissimos dos que querem convencer, hypnotizando-nos quasi pela insistencia com que nos fiavam e pelo brilho metallico com que nos dardiam, voz profunda e austera, como necessariamente era a dos prophetas, longo casaco envolvente o magro corpo quasi como uma tunica, o sr. David Lubin é *alguem* fóra do vulgar, d'estas individualidades que se impõem á nossa curiosidade e nos obrigam a perguntar, quando as vemos entre outros homens para nós sem interesse, *quem é aquelle sujeito?* e cujas figuras uma vez observadas nunca mais esquecem.

Diz-se que foi o venerando imperador da Austria, quem lhe aconselhou que tentasse a Italia para assentar a sua obra, como paiz agricola de primeira ordem e em situação politica favoravel em face de todas as nações, para tentar com mais probabilidade de exito, sem desconfianças nem ciúmes de nenhuma outra, empresa internacional d'este theor. Se assim foi, uma vez mais Francisco José, mostrou como os avançados annos lhe não teem diminuido a perspicacia intelligente.

O sr. Lubin convenceu Victor Manuel III, o que não era difficil, porque o rei da Italia sobre ter no sangue a tradição agraria de tantos seculos da sua raça, é prompto em assimilar e chamar a si as ideias do seu tempo e em marchar com o progresso, como tem sido apanagio dos principes da casa de Saboya á qual tanto se prende pelo parentesco, pelos traços physionomicos e pelo espirito o Senhor D. Manuel de Bragança.

(Continúa.)

D. LUIZ DE CASTRO.



Uma cantora pergunta ao seu medico:
— E' verdade, doutor, que os ovos abrem a voz e facilitam a sua emissão?
— Por certo, minha cara; repare as galinhas: assim que põem o ovo começam a cantar!



CARTAS

I

Bemdigo o teu olhar que me despreza
E n'elle a maldição da minha vida.

Porque has de desprezar a confissão sincera
Que fiz do meu amor?!
A lealdade é de si a mais gentil venera
Que a gente póde pôr.

E nem parece bem que saibas desprezar,
Tu, que és tão bondosa.
Deus guardou o perfume que a todos quiz dar
N'um calice de rosa,

Um bello coração, d'artista, como o teu,
Exalta e não humilha.
A lama ahi da rua dos astros nasceu,
Agora é que não brilha.

O que parece pobre e mesmo desprezível
Póde alma d'oiro ter.
Bem sabes que o diamante, a joia apetecevel,
Foi carvão para o ser.

Sob o puro cristal d'um lago adormecido
E' que ha, ás vezes, lodo.
Ai de quem fôr beber e o tenha remechido!
O lago é sujo todo.

Porque has de desprezar a confissão sincera
Que fiz do meu amor?!
A lealdade é de si a mais gentil venera
Que a gente póde pôr.

* * *

Eu sinto que entre nós houvesse o quer que fosse,
D'um cruel azar,
Que dissipasse a esperança, a minha illusão doce,
De te poder amar.

Separa nos apenas um punhado d'oiro,
— Que foi o que custaste
Mas dóe, ainda assim — seja embora um thesoiro
Que sempre nos afaste!

Inda se o desprezar-me acrisolasse o amor
De quem p'ra ahi se diz,
(Mas não creio) acceptava tormento maior
Só por te ver feliz.

A sombra do remorso (praza a Deus que não!)
Ha de seguir te os passos.
E tu has de sentir gelado o coração
Cingido n'outros braços.

Vê que tristeza a tua, em cada alvorecer!
Sempre o phantasma loiro
A espreitar-te a vida, a ver te arrepende
Do peccado do oirol!

Tu, que tens o calor divino do talento,
Has de esfriar de medo,
Se te a aza d'um sonho bater sem alento
Nos muros do degredo.

Que faz que sejam d'oiro as grades da cadeia,
Algemas e grilhões?
Se um remorso cruel, a mesma ideia feia,
Tortura os corações?

* * *

Ao ver subir, sem azas, no espaço infinito,
Uma pequena aranha,
Sente-se admiração, um não sei quê exquisito,
Por uma coisa extranha.

Falta a razão de ser, o fio conductor,
Que existe e se não vê;
— Eu tambem vou subindo o Calvario da Dôr
E sem saber porquê.

Ha invisivel fio a ligar me á vida,
(Talvez nem valha nada!):
— A esperança de esquecer que fôste uma vendida
Podendo ser amada.

Não me consola ver que soffras cruelmente,
— Eu sinto a tua dôr;
Consola-me pensar que ha de frequentemente
Lembrar-te o meu amor.

* * *

Porta aberta ao Destino! Passe uivando a Dôr!
A esperança inda palpita ao esmorecer da Vida.
Se a minha Fé em ti acaso é illudida,
Tu amas quem (eu sei!) despreza o teu amor.

Voando por entre as nuvens, cheia de calor,
A minha crença andou no infinito perdida;
Gargalharam os astros porque foi vencida,
E choraram de dó o teu frustrado amor.

Porta aberta ao Destino! Aos nossos corações
Aparta-os, bem cruel, um bem diverso norte;
Não ha padre que case as nossas ambições.

Tu porque emolduraste d'oiro a tua sorte,
Eu porque ousei subir, porque sonhei amar-te,
Dois renegados somos, vis em toda a parte!

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

NECROLOGIA

Costa Goodolphim

Era um grande obreiro do bem Costa Goodolphim, que a morte prostrou a 6 de dezembro findo, depois de uma fadigosa vida de luta e de trabalho, mais em proveito alheio do que proprio.

Perguntae-o ás classes operarias por cuja boa causa elle tanto pugnou com a palavra e com a pena, que doutro ellas não sabem que mais procurasse instruil-as e guial-as, na sua propaganda economica e cooperativista como meio de sua emancipação.

Em verdade, Costa Goodolphim foi dos maiores propagandistas do principio associativo em Portugal. Dir-se-ia não ter nascido para outra cousa, elle que descendia de fidalgos da melhor estirpe, mas que teve de lutar muito para viver, encontrando-se ainda na infancia sem patrimonio para a sua educação, e antes, nos verdes annos, tendo que trabalhar para se manter.

Talvez desse proprio conhecimento das difficuldades da vida, viesse a sua grande dedicação por todos que trabalham e soffrem, sem as devidas compensações, e então elle se entregou ao estudo, procurando na boa ciencia o remedio para esses males.



COSTA GOODOLPHIM

Tendo de empregar as suas melhores horas ao trabalho, nos escritorios da Companhia Lisboense de Iluminação a Gaz, para onde entrou muito novo e foi um dos seus primeiros empregados, estudava, nas restantes, com afincio as ciencias economicas, adquirindo grande cabedal de conhecimentos que o habilitaram a publicar trabalhos como foram: *A Associação — Historia e desenvolvimento das Associações Portuguezas* (1876); *As Caixas Economicas* (1876); *As Caixas Economicas Escolares* (1883); *Les institutions de privoiance en Portugal* (1883); *As caixas economicas escolares — Relatorio* (1884); *A Previdencia* (1889); *As classes operarias — Traços para a sua historia* (1892). São estes seus estudos economicos publicados em livro; innumerados, porém, elle deixou dispersos em jornaes e revistas, além de conferencias e discursos pronunciados em varias assembleias associativas, sendo certo que elle era incansavel em espalhar quanto sabia entre as classes operarias.

Este homem que assim se fez, era tambem um poeta: que aos 21 annos de idade publicou o seu primeiro livro, que elle denominou *Primeiros Versos*. Outros se seguiram a esse de algum merecimento, cultivando tambem a satira, que revelou no opusculo *Caso espantoso succedido na noite de 20 de outubro*. Traduziu do sueco, lingua em que era versado, *O sepulcro de Perrho*, e outras.

Mas sendo esses trabalhos literarios apreciaveis, não tem comtudo a importancia utilitaria da sua obra associativa, que o eleva no conceito publico e o impõe ao respeito dos seus concidadãos, muito particularmente ao operariado.

E' este sobretudo que muito lhe deve, e não lhe regateou a gratidão, que em vida muita vez

lhe manifestou, ora nomeando-o presidente honorario de varias associações, ora oferecendo-lhe festas em sua honra, etc.

Costa Goodolphim, trabalhando pela união das associações, cooperou valiosamente para que se realisasse o primeiro Congresso Geral Associativo. A elle se deve a criação da primeira Caixa Economica Escolar, em 1887.

José Cypriano da Costa Goodolphim, nasceu em Marvilla (suburbio de Lisboa) a 3 de novembro de 1844. Era filho de José Cabral da Costa Goodolphim, fidalgo cavaleiro e capitão do exercito, um dos convencionados de Evora-Monte, e de D. Maria Isabel da Costa Freire, que era filha do poeta Manuel Cypriano da Costa. Descendia, por parte de seu avô paterno, de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brasil.

Costa Goodolphim era socio honorario e correspondente de varias sociedades scientificas estrangeiras que o distinguiram com diplomas e medalhas de merito, sendo tambem presidente honorario das Instituições de Previdencia de França. No congresso científico universal das instituições de previdencia, reunido em Paris nos annos de 1878, 1883 e 1888, teve as honras de vice-presidente, e o governo de Espanha agraciou-o com a comenda de Isabel a Catolica. Socio honorario de grande numero de associações populares, de classe, de instrucção. Socio da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Associação dos Arquitectos e Arqueologos Portuguezes, vice-presidente do Albergue dos Invalidos do Trabalho, etc.

Não podia ser mais util do que foi a existencia deste benemerito portuguez. Que descanse em paz.



PUBLICAÇÕES

Kalendarios para 1911.—Do grande numero de kalendarios que tem sido oferecido a esta redação, e que muito agradecemos, devemos mencionar como mais interessantes os seguintes:

Kalendario da Fabrica de Chocolates Iniguez, um cromo de grandes dimensões representando um creador servindo uma chavena de magnifico chocolate desta fabrica, que tanto prima nos seus produtos, como na gentileza da oferta de tão lindo kalendario.

Kalendario da Companhia de Seguros Portugal Previdente. E' em cartão de fundo vermelho



ENTREGA DAS BANDEIRAS AOS BATALHÕES VOLUNTARIOS NA SÉDE DO DIRECTORIO REPUBLICANO, NO LARGO DE S. CARLOS, ONDE FORMARAM OS BATALHÕES

com ornatos e letras douradas em relevo, de muito bom gosto.

Kalendario da Chapelaria Araujo. Um cromo representando o estabelecimento da rua de Santo

Continua a sua publicação regular esta interessante revista a que já aqui nos referimos com o elogio que merece uma revista dedicada á educação da mulher portugueza.

Antão, 30, com o retrato do proprietario e emblemas do Comercio e Industria, tudo bem combinado num elegante desenho.

Kalendario da Fabrica de Conservas de Espinho, de Brandão, Gomes, as melhores do mundo. São dois lindos cromos, um em forma de circulo decorado a flores e folhas de trêvo com lindas cabecinhas de creanças que se movem mostrando os doze mezes do anno, o outro representando uma elegante em passeio seguida de um janota que lhe oferece frascos e latas de conserva. E' composição engraçada e de bela execução artistica.

In Memoriam.—Numero especial do boletim da Sociedade Literaria «Almeida Garrett». — *Homenagem de saudade ao seu benemerito presidente o Ex.º Sr. Conde de Valença. Falecido a 16 de outubro de 1910.*—Diretor Alberto Bessa.—N.º 11.—Lisboa, 16 de dezembro de 1910.—8.º anno.

Justissima homenagem que a Sociedade Literaria Almeida Garrett presta ao que foi seu Presidente da Direcção, nas 48 paginas deste boletim especial, dirigido pelo sr. Alberto Bessa, que nelle reuniu uma colaboração seleta de amigos e admiradores do illustre extinto, em que se encontram nomes muitos distintos das nossas letras. Varios retratos do falecido, de diferentes epocas da sua vida, ilustram as paginas deste boletim especial, assim como os retratos de seus paes o sr. visconde e sr.ª viscondessa de Montessão.

A biografia, bastante minuciosa, com que se abrem as paginas *In Memoriam*, é seguida de varias poesias e artigos que formam o florilegio em honra do extinto, inserindo tambem alguns trechos de discursos do illustre parlamentar que foi brilho da tribuna portugueza.

Diccionario Universal Ilustrado Linguistico e Enciclopedico.—Dirigido por Eduardo de Noronha.—João Romano Torres & C.ª, editores.—Lisboa.—Tomo 8.º desta importante publicação de grande utilidade e extremamente economica ao alcance de todos.

O Jornal da Mulher.—Revista quinzenal ilustrada.—Diretora Albertina Paraizo, Lisboa.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (à Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis